



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
CURSO DE PEDAGOGIA**

SUELEN CRISTINA DA SILVA BERNARDO DE SOUZA

**ESCOLA, FAMÍLIA E A CRIANÇA AUTISTA:
AS BARREIRAS QUE TORNAM ESSA RELAÇÃO DIFÍCIL**

**CAMPINA GRANDE
2019**

SUELEN CRISTINA DA SILVA BERNARDO DE SOUZA

**ESCOLA, FAMÍLIA E A CRIANÇA AUTISTA:
AS BARREIRAS QUE TORNAM ESSA RELAÇÃO DIFICULTOSA**

Trabalho de Conclusão de Curso, de natureza Artigo, apresentado ao Departamento de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduado em Pedagogia. Área de concentração: Educação Especial.

Orientadora: Prof. Dra. Wanderleia Farias Santos.

**CAMPINA GRANDE
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S729e Souza, Suelen Cristina da Silva Bernardo de.
Escola, família e a criança autista [manuscrito] : as barreiras que tornam essa relação dificultosa / Suelen Cristina da Silva Bernardo de Souza. - 2019.
31 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Wanderléia Farias Santos ,
Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."
1. Educação inclusiva. 2. Autismo. 3. Relação família escola. I. Título

21. ed. CDD 371.94

SUELEN CRISTINA DA SILVA BERNARDO DE SOUZA

ESCOLA, FAMÍLIA E A CRIANÇA AUTISTA: AS BARREIRAS QUE TORNAM
ESSA RELAÇÃO DIFICULTOSA

Trabalho de Conclusão de Curso
(Artigo) apresentado a Coordenação
/Departamento do Curso de pedagogia
da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do
título de licenciatura em pedagogia.

Área de concentração: Educação

Aprovada em: 17/06/2019.

BANCA EXAMINADORA

Wanderleia Farias Santos
Prof. Dr^a. Wanderleia Farias Santos (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Kátia Farias Antero
Prof. Msc. Kátia Farias Antero
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ruth B. Araújo Ribeiro
Profa. Msc. Ruth Barbosa de Araújo Ribeiro
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu pai, (In memoriam) pelo desmedido incentivo aos estudos, a minha mãe por ser guardiã dos meus filhos por tempos infintos, a Thalles e Gabrielle pela incessante compreensão e insistência da minha presença. Dedico!

“Uma escola não deveria achar que está fazendo um favor para uma criança especial ao incluí-la, e sim saber que está fazendo um bem enorme para os alunos regulares – e também para os professores!
(Marcos Mion)

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Identificação das mães	21
Tabela 2 – Questionário aplicado às mães de crianças com autismo	21

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABA- ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADO

AEE- ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

AT- ATENDENTE TERAPÊUTICA

DSM'S -MANUAL DOS TRANSTORNOS MENTAIS

PEI- PLANO EDUCACIONAL INDIVIDUAL

TEA- TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO ESCOLA E FAMÍLIA NO DIAGNÓSTICO DA CRIANÇA COM AUTISMO	12
BREVE HISTÓRICO SOBRE O AUTISMO	17
DIFICULDADES E ANSEIOS DAS FAMÍLIAS FRENTE ÀS QUESTÕES SOBRE O AUTISMO: DISCUTINDO OS DADOS	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37
REFERÊNCIAS DIGITAIS	38

RESUMO

O presente estudo objetiva compreender a relação entre família e escola no processo educacional de crianças com Transtorno do Espectro Autista-TEA, através da análise das respostas de um questionário aplicado a mães de crianças com Autismo. Nesse sentido, buscamos apresentar quais foram os indícios e sinais presentes nesta relação, que acabam se configurando como as principais dificuldades e desafios no momento da inserção desses indivíduos na escola e contribuem para o surgimento de certos conflitos. Como metodologia, nos ancoramos na abordagem qualitativa, na modalidade de pesquisa de campo. Para tanto, entraram em pauta as contribuições autorais de PILETTI (2009), BRITO (2017), TORONTO (2004), Mello (2002), dentre outros, que trabalham temáticas que abordam tais relações. Com base nessas fontes iremos apresentar e descrever como se dá o primeiro contato dessas crianças com a escola, uma vez que o contexto é uma ampliação da micro sociedade, que é a família na qual está inserida, intitulado no presente estudo como “relações difíceis” provocadas em grande medida pela quebra da rotina das crianças. Para além desse desafio, há ainda a resistência por parte de algumas escolas em aceitar crianças com Autismo ou quando aceitam não dispõem de estrutura adequada para a promoção da educação especial.

Palavras-Chave: Família; Escola; Crianças e Autismo.

ABSTRACT

The present study aims to understand the relationship between family and school in the educational process of children with Autism Spectrum Disorder - TEA, through the analysis of the answers of a questionnaire that was applied to mothers of children with Autism. In this sense, we seek to present what were the signs and signals present in this relationship that characterize the main difficulties and challenges at the time of insertion of these individuals in school and their contributions to the emergence of conflicts. Added to this, it is imperative to affirm that many achievements that have now been created from these conflicts and it is possible to build a more inclusive reality. The contributions of the authors who worked on the themes that deal with such relations came into the agenda. Based on these sources we try to present and describe how the first contact of these children with the school takes place in this context as an amplification of the micro society that is the family to which it is inserted, entitled in the present study as "difficult relations" provoked to a large extent by breaking the routine of children. In addition to this challenge, there is also the residence of some schools in accepting children with autism or when they accept that there is no adequate structure to promote special education.

Keywords: Family; School; Children and Autism.

INTRODUÇÃO

O trabalho que se segue analisará a relação entre família e escola no processo de educação de crianças com o Transtorno do Espectro Autista - TEA. Esta relação se coloca como delicada e por vezes conflituosa, à medida que se tornam obstáculos para uma melhor comunicação.

O interesse em pesquisar esta temática surge ao trabalhar como Atendente Terapêutica aplicando a terapia ABA (Análise do comportamento Aplicado) Constantemente, ouvia muitas mães com discursos parecidos que mesclava insegurança e despreparo por parte das escolas durante o acolhimento para com seus filhos Autistas. Esse discurso de antipatia ascendeu à curiosidade de acompanhar de perto como se dá essa relação e levantou questionamentos como: onde se localiza as falhas na comunicação entre pais e escola da criança com autismo? E quais as barreiras que a tornam dificultosa?

O autismo é um diagnóstico observacional de vários comportamentos, ou seja, um conjunto de comportamentos que é reconhecido em diferentes níveis de comprometimento. Logo, para poder ajudar essas crianças a se desenvolverem é necessário uma formação específica para o ensino desses indivíduos no processo de aprendizagem, pois os maiores desafios se concentram, principalmente, na relação escola e família: dois contextos diferentes. “Em alguns casos, verifica-se que a família e a escola orientam a criança em sentidos diferentes (...). Haverá, então, conflitos, e a criança poderá ser prejudicada em seu trabalho escolar.” (PILETTI, 2009 p. 24). No entanto, ambas são, impreterivelmente, responsáveis por promover essa educação inclusiva.

Atualmente, a temática “Autismo” está sendo bastante difundida, ao passo que o número de crianças com o transtorno tem crescido, sendo assim tem aumentando também as exigências perante pais e escolas em educá-los. Com isso, é comum observar que ainda existe a desinformação e o despreparo durante a escolarização de indivíduos com necessidades tão específicas que precisam ser trabalhados tanto os comportamentos básicos, quanto o desenvolvimento e aprendizagem mais e outros mais complexos.

Com base na definição acima, delimitamos as fronteiras dessa pesquisa a partir da aplicação de um questionário objetivando fazer uma análise da relação entre escola e famílias de crianças com o Transtorno do Espectro Autista. A pesquisa foi realizada no mês de abril, o questionário é composto por treze perguntas, cada uma com enunciado explicativo e duas alternativas “Sim” ou “Não” mais espaço reservado para observações. Para tanto, foram submetidas cinco mães, com idades entre 24 e 42 anos. Através da aplicação desse questionário pode-se inferir que mesmo com todas as abordagens e divulgação que vêm sendo realizados através dos meios de comunicação, projetos de leis como a própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9394/96) e os eventos voltados a causa da inclusão de crianças com o Autismo, ainda encontramos escolas que não possuem interesse em se qualificar, capacitar e preparar os seus professores.

A temática proposta como objeto de reflexão não se detém apenas em apresentar problemas enfrentados por pais, professores e escolas, mas criar um norte possível para atenuar tais conflitos, ampliando a oferta de informações, definindo o papel de cada envolvido no processo de ensino-aprendizagem de crianças autistas, promovendo sua inclusão de maneira responsável. Dessa forma, pretendemos esmiuçar as especificidades dessa relação observando a fala das mães, o trabalho desempenhado pelos professores e a receptividade das escolas que recebem estas crianças.

Uma comunicação bem estabelecida entre pais e escola são apontadas nesta pesquisa como fator determinante para o desenvolvimento social e cognitivo do indivíduo com autismo, pois fortalece as bases da escola, adaptando-a para as mudanças que podem

favorecer no bom desempenho dos alunos. Sendo elas na estrutura física, o método de ensino, nas sociabilidades e, conseqüentemente, a função social da escola.

Para que esse trabalho fosse realizado utilizamos um corpus bibliográfico tendo como eixo norteador a “aplicação do questionário” a mães de crianças com autismo e que associada a outras fontes, ampliou-nos os horizontes e as possibilidades de compreendermos melhor as dificuldades que surgem no momento de procurar uma escola adequada para matricular esses indivíduos. Com riqueza de detalhes este método de pesquisa revela o empenho das mães frente a resistência por parte de algumas escolas para fazer a matrícula, em oferecer uma estrutura física adequada, uma formação específica a seus professores e uma Atendente Terapêutica ficando na maioria das vezes, a cargo dos pais. e as relações estabelecidas nesse contato.

Observamos também os diversos ruídos e empecilhos que surgem no caminho do desenvolvimento humano, a partir das abordagens de Ruth Caribé na obra “Distúrbios da Aprendizagem” orientando-nos pelos seguintes questionamentos: Por que certas crianças não aprendem? Por que aprendem mal? Por que não se adaptam à escola? Qual a responsabilidade dos pais nesses problemas? E da escola?

Aqui, ressaltamos para a importância do cruzamento de variadas fontes que orientaram nosso trabalho, dando norte à análise deste questionário. Segundo Pesavento (2008, p. 28), as fontes são “frutos de uma renovada descoberta, pois só se tornam fontes quando contém pistas de sentido para a solução de um enigma proposto”. A compreensão que temos é que fontes são dados que nos balizam e nos orientam a construir caminhos que levarão aos questionamentos iniciais.

Fazendo uso destas fontes desenvolvemos este artigo, que apresenta em seu primeiro tópico a relevância da união entre pais, gestores, professores e Atendente Terapêutica motivada a um só objetivo: desenvolver a aprendizagem de crianças autistas. No entanto, ainda é preciso avançar muito mais, sobretudo em iniciativas que partam das escolas, pois é perceptível que a realidade de algumas instituições privadas, a relação de parcerias com os pais ou da aceitação da A.T.¹ são quase sempre conflituosas, embora seja resguardada em lei (Berenice Piana 12.764) a matrícula de alunos especiais e de total responsabilidade da escola providenciar o profissional acompanhante, mas a escola se comporta dissimuladamente deixando seus deveres aos encargos para os pais.

Faremos um maior aprofundamento sobre o Autismo no segundo tópico, conceituando-o a partir do DSM-V² e problematizando o transtorno na vida social das famílias quando de início o grande impacto do diagnóstico e o caminho árduo do tratamento e a inclusão nos diversos seguimentos sociais, abarcando também as questões intrínsecas ao tratamento do Autista através da aplicação do método ABA³.

No terceiro e último tópico analisaremos os dados coletados por meio das respostas oferecidas pelas mães. Analisaremos o questionário buscando compreender como se dá a relação comunicacional e institucional da comunidade escolar que se compromete a

¹ Doravante utilizaremos a sigla (A.T.) para encurtar o termo Atendente Terapêutica usado para denominar ao profissional geralmente formado em Pedagogia, Psicologia, psicopedagogia e etc. que trabalhe na aplicação de terapias a crianças com Autismo.

² Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais feito pela Associação Americana de Psiquiatria para definir como será feito o diagnóstico de transtornos mentais. Usado por psicólogos, médicos e terapeutas ocupacionais.

³ Terapia ABA ou método ABA vem do inglês (Applied Behaviorismo Analysis), no Brasil se pronuncia Análise do comportamento Aplicado” é um termo advindo do campo científico do Behaviorismo, que observa, analisa e explica a associação entre o ambiente, o comportamento humano e a aprendizagem.

escolarizar crianças com autismo, (entendemos por comunidade escolar pais, gestores, professores e os demais funcionários da escola). Além disso, representaremos essas informações com a utilização de tabelas para melhor tecer análises sobre elas.

Apresentaremos também um pouco do papel fundamental da relação pais e escola no processo de construção da aprendizagem. Por fim, nas considerações finais faremos um apanhado desse estudo apontando as possibilidades de melhorias na comunicação e envolvimento proativos de todos os envolvidos no difícil processo de escolarização de crianças com autismo.

A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO ESCOLA E FAMÍLIA NO DIAGNÓSTICO DA CRIANÇA COM AUTISMO

É importante destacar que o processo de ensino e aprendizagem é inerente ao processo de integração entre a família e a escola, pois todas as sociedades ensinam a seus indivíduos os hábitos necessários às informações e costumes que são de propriedades daquela sociedade. Com isso, observa-se que o desenvolvimento subsequente do indivíduo estará desde sempre ligado com experiências de aprendizagens desde o nascimento. É comum depararmos com a seguinte afirmação: o desenvolvimento é apenas crescer fisicamente, amadurecer, ou seja, fazer a passagem de criança para adolescente e depois para a vida adulta, equívoco!

Durante esse processo de desenvolvimento passamos por etapas e em cada uma delas existe um processo de aprendizagem e transformação. “O desenvolvimento humano é muito rico e diversificado. Cada pessoa tem suas características próprias, que distinguem das outras pessoas, e seu próprio ritmo de desenvolvimento” (PILETTI, 2009 p. 200). Assim, se fez necessárias situações específicas de aprendizagem para dar conta desses desafios que surgem a cada dia, exigindo uma integralização íntima e intrínseca família/escola.

Contudo, há de fato bloqueios na comunicação de ambas às partes, visto que ao primeiro contato com o diagnóstico de “Transtorno do Espectro Autista” (TEA) somado as dificuldades vêm às dúvidas e os modos de como agir diante dessa realidade.

É comum que terapeutas (fonoaudiólogos, psicólogos, psicopedagogos, terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas, professores, familiares (pai, mãe, avós, tios e irmãos) em algum momento passam por dificuldades por não saber como agir frente aos comportamentos de crianças e adultos com TEA. (BRITO, 2017, p. 7)

Portanto, o medo e a insegurança são inevitáveis durante o processo de intervenção (aprendizagem) já que exige dos envolvidos muita dedicação e cuidados, muito estudo e experiências tanto de professores e terapeutas, como da família. São constantes os relatos envolvendo reclamações dos pais durante o cotidiano família/escola, pois a responsabilidade é muito maior do que se pensa. A responsabilidade constante é desenvolver um processo continuado de transformação em que nessa relação os envolvidos passem a trabalhar de mãos dadas para maiores resultados no aprendizado do aluno com autismo. “Ser Terapeuta ou Educador vai muito além de acumular informações do quadro clínico, uma síndrome ou um transtorno do desenvolvimento” (BRITO, 2017, p. 10).

Desde cedo pais idealizam seus filhos (as) traçando planos e projetos, todavia ao deparar-se com o diagnóstico Transtorno Autista se frustram, sendo invadidos pelo medo e a insegurança que conotam desafios frente ao desenvolvimento do indivíduo com TEA. Talvez resida aí um dos principais desafios: o primeiro contato com a escola. Isto é, a primeira socialização que acontece dentro do meio cultural (família) e a segunda socialização, que tem como referência e apoio da escola. Portanto, muitos pais confiam em deixar seus filhos aos cuidados da escola dando a credibilidade aos professores, pois desejam que eles estejam

atentos a possíveis adversidades. “Pais e professores quando bem entrosados podem provocar mudanças substanciais do modo de ser da escola e na qualidade de educação que se oferece” (MELLO, 2002, p. 25).

A relação entre escola e família é primordial para o desenvolvimento dos alunos que necessitam dessa interação para desenvolverem-se no aprendizado, no entanto, muitas vezes, na prática isso não acontece devido algumas questões como, a precária formação dos professores que se veem limitadas á prática docente com alunos com necessidades especiais, sobretudo crianças portadoras do espectro autista, aliado a falta de estrutura voltada para promover intervenção no aprendizado desejável. Logo, tais situações acabam por provocar o afastamento dessas crianças da escola.

O papel do professor trabalhado conjuntamente ao atendente terapêutico se coloca como mediador dessas questões, sobretudo por exigir dos pais uma presença mais efetiva junto com a escola e fazer valer na prática o direito da criança a educação. Sendo assim, as crianças, e principalmente, as que são autistas passaram a ser compreendidas como indivíduos que possuem direitos, cuidados, amparo e educação. E muita vezes a escola, o Município e o Estado não se dão conta disso.

De modo geral, o processo de desenvolvimento das crianças inicia-se na família, sendo os pais os primeiros educadores. Esse primeiro contexto de desenvolvimento é pouco a pouco ampliado e as crianças começam a participar de outros contextos e a interagir com o maior número de pessoas. Outros componentes da família, amigos e membros de diferentes grupos sociais (como grupos de vizinhos, igrejas, clubes e outras associações) passam a ter papel importante nas experiências de aprendizagens das crianças e a influenciar em seu desenvolvimento. A escola, a partir do momento que a criança ingressa ganha um papel de destaque como âmbito educativo, onde ocorrem processos de aprendizagem que promovem desenvolvimento. Hoje em dia os meios de comunicação de massa especialmente a televisão, e as novas tecnologias ligadas ao computador principalmente a internet, também são fontes valiosas de educação (MELLO, 2002, p. 59).

Como citado anteriormente, que constantemente na prática a relação não acontece, mesmo disponibilizando de leis que ressaltem que o indivíduo com algum tipo de deficiência ou transtorno precisa ser educado igual ao indivíduo típico, é notório que ninguém pode se desenvolver sozinho. O desenvolvimento de habilidades específicas em uma criança com transtorno do espectro autista depende inteiramente do empenho de pessoas que sejam mais experientes nos métodos de aprendizagem e desenvolvimento desses indivíduos, podendo ocorrer dependendo do nível de Autismo diagnosticado.

Com isso, podemos analisar os processos institucionais intencionais com direcionamentos determinados e objetivos como transcorrem na escola, como as relações entre pais e filhos tendem a proporcionar certos paradigmas característicos da aprendizagem, tornando-se significativo e abrangendo técnicas sociáveis de ajuda estabelecida e organizada, que podem levar ao desenvolvimento desse indivíduo com TEA.

Atualmente, a psicologia da educação se direciona pelo auxílio da compreensão dos métodos de interação para acompanhar o desenvolvimento do indivíduo então se utiliza muito a metáfora andaime que “refere-se armação de madeira com estrado (...). Por causa da altura do prédio em construção (...). Conforme a obra cresce (...).” (MELLO, 2002, p. 63). O uso da metáfora é aplicada ao desempenho de um adulto ou de uma criança que se encontra no posicionamento de um educador, professor, monitor ou tutor, respaldando-se na contribuição e na assistência dessa criança com autismo. Conforme a capacidade que ela se desenvolve essa ajuda vai ser esvanecida ao passo que ela vai assumindo condições de independência e domínio de aprendizagem.

Por meio dos andaimes, usados ajudam a criança encontrar conexões entre aquilo que é conhecido, isto é, as habilidades e informações já familiares, e aquilo que é novo e necessário para resolver os problemas apresentados. Os andaimes fornecem também uma estrutura para organizar os processos de solução dos problemas, determinando o objetivo da tarefa e a maneira de realizar e subdividindo os processos em passos e subpassos a serem seguidos. Além disso, organizam o apoio ao aprendiz por meio de instruções claras e detalhadas sobre o que deve ser feito: demonstrações, fornecimento de pistas e de modelos de ação.

O conceito de andaime também nos ajuda a distinguir entre as transformações não planejadas, pelas quais a criança passa por estar permanentemente mergulhada em ambientes sociais que informam, educam e define caminhos de desenvolvimento e a intervenção (voluntária, intencional, planejada) de outras pessoas nesse processo (MELLO, 2002, p. 64, 65).

O processo de desenvolvimento se dá no meio social em que a criança vive, ou seja, na cultura em que está inserida por intermédio da família. O papel da educação é atuar na mediação entre o sujeito e a cultura, sendo assim, isto acontece nas ligações entre a criança e seus pais e também entre professores e alunos. É no processo de interação que se constitui o desenvolvimento, proporcionando melhorias e transformações desse indivíduo com autismo. Sabe-se que pais e professores podem dar um suporte necessário para que haja o desenvolvimento dessas crianças e para que seja bem-sucedido e possa trazer possíveis intervenções com possibilidades no processo de aprendizagem da criança autista. Os indivíduos com Autismo podem aprender através de materiais como brinquedos pedagógicos, levando em consideração que esses materiais estão em seu ambiente de convívio. Ao empilhar uma torre de copos, essa criança vai aprender a montar e a desmontar; em cima e embaixo; dentro e fora dependendo do nível de Autismo que ela apresenta. Portanto, a aprendizagem faz relação com o mundo que está em volta dela. “São os adultos que colocam à disposição da criança bolas, livros, quebra-cabeças, enfim, todos os objetos com os quais ela poderá interagir e que organizam as atividades das quais ela vai participar” (MELLO, 2002, p. 71).

Não podemos limitar o processo de aprendizagem só a interação social e de objetos do ambiente, a criança seja ela neurotípica ou neuroatípica, podem também aprender por meio da observação e da imitação, fazendo com que elas repitam o que viu o outro fazer. E desse modo, nos mostrar os meios que ela pode vir aprender, destacando o processo de desenvolvimento e de aprendizagem e também mostrando como a importância em que a relação entre a família e a escola, ou seja, o meio cultural e social, podem ser, um ponto chave para o sucesso no desenvolvimento desse indivíduo com TEA.

São visíveis as dificuldades encontradas tanto pelo professor quanto para a família do indivíduo com TEA. Essas dificuldades quase sempre se tornam um divisor de águas entre escola/família impedindo o processo de aprendizagem daquela criança que possui o diagnóstico do autismo dificultando a compreensão do que é ensinado.

A aprendizagem é gradual, isto é, vamos aprendendo pouco a pouco, durante toda a nossa vida. Portanto, ela é um processo constante, contínuo. Cada indivíduo tem ritmo próprio de aprendizagem (ritmo biológico) que, aliado ao seu esquema próprio de ação, irá construir sua individualidade (Distúrbios da aprendizagem, p. 8).

A escola precisa aprender a lidar não apenas com a criança autista, mas também, com a família, saber ouvir para poder adequar a estrutura para integrar essas crianças ao ambiente que seja interessante e motivador a esses indivíduos. Para que a aprendizagem se efetive são necessários sete fatores fundamentais para contribuir essa teoria, são elas: saúde física e mental, motivação, prévio domínio, maturação, inteligência, concentração ou atenção, (CARIBÉ, pág. 09) Portanto, a criança tem que está com o seu amadurecimento cronológico

correto, porque com a criança com alguns transtornos esse amadurecimento não acontece, isto é, não corresponde a sua idade tornando inviável o aprendizado escolar.

Nesse contexto, é possível que o aluno diagnosticado com Transtorno do Espectro do Autismo corra o perigo ou o golpe de passar a não ser mais percebido como criança, como ser único e complexo, o que é próprio do ser humano. Não obstante, sua chancela biológica é sobressaltada e revelada como agente determinante para seu insucesso no decurso de seu aprendizado. A ocultação de sua identidade pela materialização do quadro de sintomas pode ser entendida como um modo cruel de destacar o que se constituiu como anormal pela sociedade hegemônica e homogênea, atravancando as possibilidades de aprendizado e o desenvolvimento da criança com autismo junto a outras crianças em espaços não segregadores. O apego da escola, dos professores ao laudo clínico, com ênfase nos fatores biológicos, resulta em justificativas semelhantes a esta, quando questionamos uma professora sobre sua prática pedagógica junto aos seus alunos: “[...] com aquele aluno eu ainda não sei o que vou fazer, pois o diagnóstico dele ainda não está fechado”. Esse fato apresenta o quanto a escola está sob a dependência da medicina para se sustentar no diagnóstico e se expropriar de sua responsabilidade pela educação de seu aluno, como se esse instrumento clínico “[...] (APRENDIZES COM AUTISMO, 2016).

O professor não tem uma formação necessária para saber identificar deficiência nas aprendizagens, mas é devido à observação que ele irá detectar diferenças e falhas de acordo como cada aluno vai desempenhando-se, e isso é feito com muito cuidado para se ter a certeza de que aquele indivíduo possui dificuldades de movimentos, habilidades, problemas na fala, se é distraído, desanimado, muito quieto ou até mesmo imperativo. Se forem constatadas pelo professor algumas dessas dificuldades ou até outras que não foram descritas, ele precisa registrar as observações na ficha do aluno. E se por acaso, as dificuldades persistirem deverá procurar orientação de um profissional que cuida do caso para poder levar adiante e também orientar até mesmo os familiares a procurar um especialista.

Sendo assim, o contato com a escola representa a importância do processo de inclusão social do indivíduo com autismo. É na escola que tudo pode acontecer de uma maneira diferenciada, embora distante, a inclusão escolar pode/deve se aproximar da realidade da criança, mas para que isso aconteça são necessários incentivos, parcerias, campanhas, etc. que possam trazer benefícios para ajudar o indivíduo com Autismo.

A instituição de ensino deve com base na realidade nas características individuais de cada aluno, buscar estratégias para que o processo de ensino e aprendizagem aconteça com qualidade respeito às limitações. Quando se fala em uma criança ou adolescente autista a união de forças e sempre salutar no processo inclusivo. Se a família e a escola realizam uma parceria que visa o desenvolvimento do aluno, os resultados tendem a ser muito melhores do que se não houvesse um esforço mútuo (TAKEDA; LUDOVICA, 2018).

O professor ainda é à base do sucesso, principalmente, quando refere-se de inclusão devido ao seu papel dentro da escola que é de ensinar a aprender, mostrando que: as pessoas em torno são importantes; que a vivência de todos os envolvidos na escola pode ajudar a construir conhecimentos, carinho e amor; rotinas que contribui para a autonomia e a independência do indivíduo; dividir sentimentos e interesses de modo que a comunicação está contida no processo inclusivo.

Quando juntamos todos esses pontos, chegamos à conclusão que a escola e a família pode se engajar no processo inclusivo trazendo condições que vão auxiliar o ensino e a aprendizagem de uma maneira marcante. Para tanto, as pessoas envolvidas (escola/família) nesse processo de aprendizagem do aluno autista não podem deixar que as barreiras encontradas venham impedir o acesso da família a escola. Essa relação entre esses dois

grupos, para poder dar certo, é necessário que haja conscientização por parte da família no trabalho em parceria com a escola, sendo um ponto importante no aprendizado da criança autista.

Já a escola deve estar mais aberta aos familiares das crianças com Autismo, tendo a consciência e também exercendo o seu papel diante da educação e a socialização dos indivíduos, seja ele típico ou atípico, tornando esse acesso fundamental para a inclusão. “A principal finalidade do trabalho psicopedagógico e a reintegração da criança na escolaridade normal, ou seja, sua adaptação à escola de acordo com suas possibilidades e interesses” (DISTÚRBIOS DA APRENDIZAGEM, p. 91).

BREVE HISTÓRICO SOBRE O AUTISMO

O Autismo é um transtorno global do desenvolvimento. A palavra Autismo vem do grego auto “em si mesmo” e ismo “voltado”, especificamente, significa “voltado para si”. (BERNARDES; ERNESTO, p. 01). Essa manifestação se dá ainda na primeira infância, ou seja, nos três primeiros anos de vida de uma criança.

Em 1876 o autismo foi descrito como uma esquizofrenia, segundo Emil Kraepelin. Em 1911, Eugen Bleuler fez do termo esquizofrenia (mente dividida). Bleuler difundiu a palavra autismo como uma privação de convívio com o real. Já em 1943, Léo Kanner, médico austríaco pioneiro na psiquiatria infantil, distingue o autismo de outras doenças mentais de acordo com suas pesquisas.

Supôs comportamento psiquicamente isolado ou fisicamente destrutivo não podia não ser provocado por pais emocionalmente distantes. Na verdade, Kanner inverteu causa e efeito. A criança não se comportava de modo psiquicamente isolado ou fisicamente destrutivo porque os pais eram emocionantes distante. Em vez disso, a criança se comportava de um modo psiquicamente isolado ou fisicamente destrutivo (GRANDIN, 2015, p. 16).

Kanner, segundo seus estudos, deixava transparecer que o Autismo se dava devido ao distanciamento dos pais e principalmente da mãe. Suas pesquisas trouxeram muitas contribuições para o estudo do Autismo, porém são um pouco limitadas no sentido de identificação da causa. Para melhor entendimento, Gradim (2015), autora de “O cérebro do autista pensando através do espectro”, portadora do espectro autista, faz uma autobiografia do que se passa na mente de um autista.

Minha mãe é um desses casos. Ela escreveu que, quando eu não retribuía seus braços, ela pensava: *Se a Temple não me quer, mantereí distância*. Porém, o problema não era que eu não a quisesse. Era que a sobrecarga sensorial de um abraço fazia meu sistema nervoso pifar. (Claro naquele tempo ninguém entendia a hipersensibilidade sensorial [...]) (GRANDIN, 2015, p. 16).

O conjunto das pesquisas de Kanner está sintetizado na obra “Alterações Artísticas do Contato Afetivo” na qual ele estudou um grupo composto por onze crianças e definiu critérios que seriam o ponto central do autismo. São eles: isolamento (solidão) e fixação constante (insistência na invariância). Essas crianças apresentavam sintomas de solidão extrema, atrasos na aquisição da linguagem (quando se tem é sem função, com ecolalias e mecanizada), comportamentos estereotipados (repetitivos), boa memória e conservação da rotina diária.

Bruno Bettelheim pensava como Kanner e no ano de 1967 publicou a obra “A Fortaleza Vazia” na qual descreve o distanciamento da mãe como uma geladeira. Bettelheim tinha o pensamento de que o Autismo supostamente teria natureza biológica. Ainda no mesmo

ano (1943), outro psiquiatra austríaco também realizava pesquisas com indivíduos com autismo, mas eles tinham a inteligência e a linguagem preservadas dentro das perspectivas, ou seja, dentro das idades cronológicas corretas. Contudo, suas pesquisas eram feitas com crianças que tinham características iguais (e ao mesmo tempo diferentes) das de Léo Kanner.

No entanto, em 1952, foi lançado o primeiro manual das doenças mentais DSM-I, posteriormente vieram às demais edições deste manual em 1968, o DSM-II, DSM-III (1980), DSM- III-R (1987), DSM-IV (1994) e a versão mais atualizada o DSM-V (2013). Baseando-se nos DSM's e no conjunto de sintomas para chegar ao diagnóstico do Espectro do Autismo (TEA) os critérios devem estar contidos de acordo com as informações necessárias.

Indivíduo com um diagnóstico do DSM-IV, bem estabelecido de transtorno autista, transtorno de Asperger outro transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação deve receber o diagnóstico de transtorno do espectro autista. Indivíduos com déficits acentuados na comunicação social, cujos sintomas, porém, não atendam de outra forma, critérios de transtorno do espectro autista, devem ser avaliados em relação ao transtorno da comunicação social [...] (DMS V, 2014, p. 51).

Percebe-se então que o autismo é estudado até os dias atuais, pois ainda não se tem uma causa específica para o transtorno. Ainda assim, há mitos que afirma que o Espectro Autista se deu devido a vacinas, ácido fólico, mas a causa ainda é desconhecida. Segundo a revista Guia e Saúde Autismo, edição especial na sua 5ªed. “O uso de antidepressivos, durante a gravidez esses medicamentos podem dobrar risco de a criança desenvolver autismo” (Revista Guia e saúde Autismo, edição especial na sua 5ª ed. p. 21). Sendo assim, o uso de medicamentos contendo a fórmula da serotonina pode causar o autismo, se usadas no período de gestação entre o segundo e o terceiro mês, vão sendo absorvidas e levadas até as células cerebrais.

A serotonina é uma substância química responsável pelo repasse de informações a outras células [...] Quando autismo age nos neurotransmissores cerebrais remédios que modificam o compasso da serotonina durante o desenvolvimento do feto podem contribuir para um maior risco de desenvolver o transtorno [...] REVISTA AUTISMO 5 ed. (pág. 21).

Além disso, segundo a Revista Autismo, há outros riscos que afetam o Transtorno do Espectro Autista como diabetes, pressão arterial alta, obesidade, gripe ou febres constantes, ainda assim, a causa desse transtorno ainda é um enigma para muitos estudiosos.

É necessário levar em consideração que até os sete anos de idade a criança está no processo de aprendizado e de mudanças, o cérebro ainda está em desenvolvimento como uma esponja que absorve todo esse aprendizado, pois existe no cérebro da criança, nesse período, uma poda neural, ou seja, uma fase em que os neurônios morrem com esse processo, no entanto, é bem mais fácil ensiná-las até os sete anos de idade. Se nesse período a criança tem dificuldades de aprender é devido a essa poda neural que acontece a cada seis meses, vale salientar que esse tipo de procedimento de poda pode leva-lo ao autismo regressivo.

Sendo assim, a criança apresenta dificuldades de aprendizagem e o cérebro passa a deixar de fazer essa poda, acumulando os neurônios e causando barreiras para evoluir no aprendizado. Segundo GRANDIN (2015) “Os cérebros autistas não estão lesados (...). Eles apenas não se desenvolveram como deveriam.” (GRANDIN, 2015, p. 34). De acordo com a autora, o cérebro de uma criança com Autismo há várias conexões dos neurônios, por esses motivos que existem dificuldades para entender os estímulos do ambiente que as rodeiam. Choros sem motivos aparentes e risadas inapropriadas são características do transtorno. Muitas vezes a criança começa a rir do nada para todos que olhem para ela. Isso não quer

dizer que, a criança é triste ou é feliz, visto que essa é também uma característica do autismo, pois ela não possui entendimento para expressar as suas emoções.

Contudo, o seu diagnóstico pode ser mais cedo e conseqüentemente, poderá ser trabalhado com ela a intervenção adequada para o seu desenvolvimento. Ainda assim, crianças com o transtorno do espectro o autista (TEA) podem apresentar comportamentos inapropriados no qual fica difícil de lidar. Podem apresentar uma mente funcional (com alto funcionamento) ou também pode se mostrar com déficit de intelectualidade (com baixo funcionamento) grave. O Transtorno do Espectro Autista é diagnosticado quatro vezes mais no sexo masculino do que no feminino (DSM-V, p. 57). Sendo assim, não se vê tantas meninas com o transtorno porque de 100% das crianças com Autismo, 20% são meninas”, “pessoas do sexo feminino têm mais propensão a apresentar deficiência intelectual concomitante” [...]. (DSM-V, p. 57), no entanto quando a menina tem o Autismo, geralmente, é mais complexo do que os meninos.

Apesar de viverem em seu próprio mundo, onde se mostram perdidos no tempo, esses indivíduos podem nos surpreender com seus encantos, sensibilidade, afeto e necessidades.

Ainda existem muitas dúvidas a respeito do autismo, quais os tratamentos, se o indivíduo sai do Transtorno do Espectro Autista e com isso surgem perguntas: E quando a criança sai do espectro? Essa criança vai perder as características do transtorno autista, por exemplo: se ela não possuía o contato visual, não interagia com as demais crianças, então ela passa a adquirir todo esse processo. Logo, sabemos que não é a cura – o Transtorno do Espectro Autista não tem cura – o indivíduo apenas passa a aprender a controlar os sinais que vão e voltam em alguns períodos. Com essas observações é importante ficar mais alerta na fase da adolescência, pois existem mudanças sejam elas de regras sociais e/ou de hormônios. Nesse sentido, indivíduo que sai do espectro fica vulnerável a voltar a ter problemas, principalmente no comportamento.

Afirmamos anteriormente sobre a possibilidade de sair (reduzir ou até mesmo suprimir totalmente as deficiências) do transtorno o espectro autista, mas como se dá esse processo? Antes é necessário inferir que a possibilidade de saída desse transtorno não significa que esse indivíduo deixará de ser um autista. Apenas receberá o aprendizado necessário para o seu desenvolvimento com a ajuda de terapias induzidas por vários terapeutas, que trabalharão em equipe estimulando esses indivíduos. Os pais também podem estar fazendo essas estimulações em casa com o apoio de todos da família, e claro com a intervenção precoce (fazendo o uso da terapia ABA).

Terapia ABA ou método ABA, o que significa? No inglês significa (Applied Behaviorism Analysis), no Brasil é conhecido como Análise do Comportamento Aplicado. “É um termo advindo do campo científico do Behaviorismo, que observa, analisa e explica a associação entre o ambiente, o comportamento humano e a aprendizagem” (TORONTO, 2004, p. 1-4). Os primeiros pesquisadores que descobriram o Behaviorismo foram Ivan Pavlov, John B. Watson Edward Thorndike e B.F. Skinner⁴. Foi através de pesquisas que Skinner se destacou por conseguir uma importante descoberta para o campo de estudo: o Condicionamento Operante. “Um comportamento seguido por um estímulo reforçador resulta em uma probabilidade aumentada daquele ocorra no futuro” (TORONTO, 2004, p. 1-4).

Todos esses procedimentos podem ajudar na evolução da criança com Autismo. Um dos principais passos para a evolução da criança com o transtorno é a aceitação dos pais.

⁴ Skinner pesquisou e descreveu termos que ao lado do condicionamento operante podem ser aplicados em vários comportamentos humanos. Esses são os termos nos quais ele identificou: SD (estímulo discriminativo), Reforçador, Controle de Estímulo, Extinção, Esquemas de Reforcamento e Modelagem.

Podemos observar que existe preconceito, principalmente vindo dos próprios pais ao tentar esconder, por vergonha, o comportamento do indivíduo com TEA de sua família. Quando se passa a aceitar o Espectro Autista as pessoas passam a procurar ajuda e com isso, ganham avanços devido às terapias adequadas. Consequentemente, a escola também vai passar a assistir melhor essa criança, desenvolvendo um plano educacional individual (PEI). Contudo, a evolução vai ser completamente diferente e com ganhos que vão fazer a diferença tanto para a criança quanto para os pais. Uma criança com autismo e que fica somente em casa deixa de receber os devidos tratamentos e deixa de evoluir por não ter estímulos, porque essa criança não tem como evoluir sozinha. Ela, com certeza, precisará de alguém que a ajude a ter avanços seguidos da confiança e total apoio de seus pais.

DIFICULDADES E ANSEIOS DAS FAMILÍAS FRENTE ÀS QUESTÕES SOBRE O AUTISMO: DISCUTINDO OS DADOS

O objetivo dessa pesquisa é fazer uma análise da relação escola e família de crianças com o Transtorno do Espectro Autista. Essa pesquisa foi realizada no mês de abril de 2019, com treze perguntas de múltiplas escolhas, cinco mães com idades entre 24 e 42 anos. Cinco delas mantêm seus filhos matriculados nas redes privadas de ensino e uma única na rede pública de ensino. A idade dos filhos (as) dessas mães variam entre 2 a 8 anos, duas delas tem dois filhos diagnosticados com o Transtorno do Espectro Autista, sendo duas meninas e dois meninos.

TABELA 1 (Identificação das mães)

CLASSIFICAÇÃO	IDADE	PROFISSÃO	NÚMEROS DE FILHOS COM AUTISMO
MÃE 1	35 anos	Militar	01 menino
MÃE 2	42 anos	Corretora de imóveis	02 meninos
MÃE 3	37anos	Fonoaudióloga	01 menino
MÃE 4	24 anos	Técnica em enfermagem	01 menino
MÃE 5	41anos,	Costureira	02 meninas

Fonte: produção própria

De acordo com cada pergunta, vamos analisando os dados e verificando as dificuldades encontradas por elas no ambiente escolar de seus filhos.

TABELA 2 (Questionário aplicado às mães de crianças com autismo)

PERGUNTAS	Mãe 1	Mãe 2	Mãe 3	Mãe 4	Mãe 5
1- O Transtorno do Espectro Autista pode apresentar diversas dificuldades no desenvolvimento e também na aprendizagem do indivíduo, ele necessita do comprometimento e trabalho de todos os profissionais e familiares envolvidos, seja na educação ou na dedicação e empenho deles. Você acha que a escola inclusiva é um elemento indispensável para o desenvolvimento das habilidades e também para o relacionamento social	Sim	Sim	Sim	Sim. “Ajuda a criança a interagir com outras crianças, ajuda a criança a manter uma rotina escolar”.	Sim. “mas as escolas estão longe de fazer a verdadeira inclusão”.

da criança com autismo?					
2- Podemos analisar que hoje o número de crianças com autismo vem aumentando. Vivemos em uma época em que todos os meios devem trabalhar com a inclusão, e a escola é um desses meios. Em sua opinião, as escolas se encontram preparadas para receber essas crianças?	Não	Sim	Não	Sim. “Ainda faltam profissionais capacitados em algumas escolas, alguns não demonstram interesse de buscar entender sobre o Autismo”.	Sim. “Sem generalizar, mas algumas escolas aceitam por não poder negar a vaga”.
3- Para você, existem pontos e contrapontos nas relações entre escola e família?	Sim	Não	Sim	Sim	Sim. “Fica muito a cargo da boa vontade professor”.
4- No momento de matricular a criança na escola houve alguma dificuldade? Se a resposta for SIM especifique essa dificuldade?	Não	Não “Por que ainda não tinha laudo”.	Não	Sim/Não “Os responsáveis pela instituição receberam muito bem o M. Foi tudo bem conversado”.	Não. “Na atual escola não, mais já tive negativa ou má vontade em mais de 15 escolas”.
5-Diante da realidade vivida por você, na condição de mãe de criança com autismo, qual o nível de preparação e adequação que a escola que você escolheu para seu filho estudar tinha no momento?	Bom	Muito pouco	Pouco. “Hoje melhorou, pois há 5 anos a escola não tinha praticamente nenhum preparo, porém hoje está investindo na capacitação de alguns professores.”	Bom “Eu achei bom, mesmo não havendo um preparo dos profissionais eles souberam trabalhar com o meu filho muito bem”.	Pouco “Falta muita estrutura pedagógica e adaptação curricular e olhar para a pessoa com autismo como indivíduo único e observar suas particularidades”.
6- Para que se tenham melhores avanços, tanto no desenvolvimento quanto na aprendizagem é necessário trabalhar em parceria, ou seja, escola e família trabalharem unidas para obter maiores progressos. Podemos afirmar isso?	Sim	Sim	Não	Não	“Sim. Onde existe uma barreira e resistência por parte das escolas para que isso ocorra”.
7- Você acha que o diálogo entre escola e família é importante?	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
8- Mesmo diante de leis que assegurem	Todas as	Todas as	Todas as	Todas as	Todas as

a criança com autismo a terem seus direitos respeitados é possível escutar relatos de pais que ainda lutam por esses direitos, e principalmente em matricular seus filhos (as) em escolas regulares. Quais os maiores obstáculos encontrados?	respostas	respostas	respostas	respostas	respostas
9- Sabemos que a educação é um direito de todos, sobretudo a Educação Inclusiva. Na prática esses direitos se tornam realidade?	Não	Não	Não	Sim “Em alguns casos se torna bem difícil”.	Não “Vamos dizer que com muita cobrança por parte dos pais as escolas fazem o mínimo”.
10-A família é de grande importância para o aprendizado da criança, seja ela típica ou atípica, pois é nela que se encontra a base para o desenvolvimento. A participação da família é indispensável, mas sabemos que existem vários tipos de pais, os super protetores que acabam prejudicando e dificultando que a criança viva experiências que contribuam para a sua autonomia, outros que não conhecem ou não sabem da deficiência do seu filho (a), e não sabendo como podem ajudar seus filhos a terem uma vida escolar. Esses pais acabam adotando uma superproteção significativa nos cuidados. Dentro do grau de interferência dos pais como você se entende?	Pais presentes	Pais presentes	Pais presentes	Pais presentes	Pais presentes
11-Com relação a esse desenvolvimento e a aprendizagem da criança com autismo, a família é à base da formação, estruturação e preparação deles, mostrando a eles interesses no que aprendem e ensinando a educação básica preparando para a vida. A escola tem o papel complementar oferecendo conteúdos e a formação educacional. Você concorda que nos dias atuais as crianças (típica ou atípica) vêm para a escola com a educação menos trabalhada pelas famílias?	Sim	Não	Sim	Sim	Sim
12-Muitos pais querem deixar a sua responsabilidade para a escola. Você concorda ou discorda?	Sim	Não	Sim	Sim	Sim

<p>13-Os pais são estrategicamente colocados como mediadores e articuladores, fazendo com que se tenha a comunicação e o desenvolvimento visando o bem-estar desses alunos, e possibilitando o acesso ao aprendizado e dando continuidade aos trabalhos escolares em casa. Você consegue dar essa continuidade e atenção aos trabalhos vindos da escola?</p>	<p>Sim Nem sempre.</p>	<p>Sim</p>	<p>Sim</p>	<p>Sim</p>	<p>Sim “E, além disso, faço as adaptações dos livros que vão para a escola e dou suporte nas atividades”.</p>
---	----------------------------	------------	------------	------------	---

Fonte: produção própria

Através desse questionário aplicado a essas mães é notório observar, mesmo com todas as abordagens trazidas nos últimos anos sobre o Autismo, que ainda encontramos escolas que não possuem interesse em se qualificar, capacitar e preparar seus professores. Então abre a questão “será que a culpa é das escolas ou das universidades que ainda não buscaram colocar em seus currículos estudar sobre o TEA (Transtorno do Espectro Autista)? Segundo PILETTI 2009, pág. 147, É importante que o professor e o futuro professor pensem sobre sua grande responsabilidade, principalmente em relação aos alunos dos primeiros anos [...]” É muito difícil que entidades com tamanhas responsabilidades diante a sociedade, ainda estão deixando a desejar e que seus profissionais (professores) estão ficando ultrapassados sem a capacitação adequada para ajudar no ensino e aprendizagem de crianças e adolescentes que tenham o diagnóstico de Autismo.

Portanto, esse número de indivíduo com autismo tem aumentando a cada dia e com isso, temos que nos preparar e nos adequar para atender esse público que precisa da ajuda de todos os envolvidos. (Pergunta dois) [...] “Aproximadamente 2 milhões de pessoas com Autismo, segundo estimativas globais da ONU de 1% da população ser autista, aproximadamente” (Revista Autismo, P. 23). Segundo estudos que são de prevalência nos EUA, onde há mais publicações das pesquisas sobre o caso (26 publicações desde o ano de 1970 até 2018). Essas pesquisas vêm mostrando que este número só aumenta, antes eram de 1 para cada 68, hoje é 1 para cada 58 crianças nascidas. Pesquisas recentes comprovam que no ano de 2025 será de 1 para cada 2 crianças nascidas, “No ritmo atual, em 2025, 1 em cada 2 crianças serão autistas” (SENEFF, Portal Raízes). Tudo isso devido a agrotóxicos (grifo nosso) usados em colheitas, em que foram encontrados em amostras de leite materno a substâncias acumuladas nos tecidos humanos. Explica. Diante disso, as universidades e as escolas terão que se adequar ao ensino voltado à educação especial e principalmente a crianças com Transtorno do Espectro Autista.

Na relação escola e família podemos verificar que ainda existem muitas barreiras que tornam essas relações difíceis. “Nossa sociedade, caracterizada por situações de injustiça e desigualdade, cria famílias que lutam com mil e uma dificuldades para sobreviver” (PILETTI 2009, pág. 146),pois, quando o professor se compromete em compreender essas dificuldades ele está dando uma oportunidade para que essa criança seja valorizada e tenha seus direitos respeitados. E para se sentirem com capacidade de se desenvolver normalmente.

A pergunta número um questiona sobre a escola inclusiva, todas as mães entrevistadas marcaram a alternativa “sim”, mesmo com toda dificuldade encontrada por elas a escola inclusiva é indispensável para o desenvolvimento das habilidades voltadas ao aprendizado e também para o relacionamento social daquela criança com autismo. É naquele ambiente e

com outras crianças típicas que o indivíduo com autismo vai aprender, vai desenvolver habilidades que muitas das vezes não é conseguida em casa.

A pergunta três questiona pontos negativos e pontos positivos na relação escola e família. Todas as mães marcaram a opção “sim”, pois nesta relação, geralmente, a família encontra diversas barreiras vinda mais das escolas, por que é muito difícil encontrar uma escola regular que tenha uma contextualização que abrace a causa juntamente com a família. C.M 41 anos (Mãe cinco), faz a observação “fica muito a cargo da boa vontade do professor”. Aqui, podemos verificar que depende muito ainda do professor, contudo, se ele for aquele professor que tenha o interesse em se aperfeiçoar, em aprender e desenvolver suas habilidades vai se destacar. “Certas qualidades do professor como paciência, dedicação, vontade de ajudar e atitude democrática, facilitam a aprendizagem. Ao contrário o autoritarismo, a inimizade e o desinteresse podem levar o aluno a desinteressar se e não aprender”. (PILETTI 2009, p. 147).

Existe aquele professor que realmente , não possui nenhum interesse em aprender sobre o Autismo, constantemente encontrou o desinteresse, a desinformação partida de profissionais da educação (professores, gestores, coordenadores), pois eles são as peças que fazem parte do ensino e aprendizagem. São as peças que vão se encaixando quando a escola decide em obter capacitação diante de um mundo Autista. “O que mais prejudica a aprendizagem livre e criativa é a própria escola e o sistema social do qual a escola faz parte”. (PILETTI, 2009, pág. 146). A nossa sociedade transforma a escola em um ambiente inadequado ao desenvolvimento dos indivíduos em fase escolar, conseqüentemente, a escola procura anular a criança para ajustá-la a sociedade e assim fazer com que elas não se desenvolvam podendo prejudicar a aprendizagem.

É dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar o direito da pessoa com transtorno do espectro autista à educação, em sistema educacional inclusivo garantido a transversalidade da educação especial desde a educação infantil até a educação superior (Lei Berenice Piana artigo 4º).

Na pergunta quatro é questionada as dificuldades encontradas em matricular uma criança com TEA. A maioria afirma que não teve dificuldades em matricular seu filho (a) na escola regular, apenas uma das mães relatou que teve esse impasse. Outra diz que conseguiu sem antes ter o diagnóstico, na qual a mesma relata que “ainda não tinha laudo”, M.C. 42 anos (Mãe dois). Já a mãe cinco, relata que conseguiu matricular “Na atual escola não, mas já tive negativa uma vontade de mais de 15 escolas”, C.M. 41 anos. A mãe quatro relata que o filho dela tem 3 anos de idade, portador do autismo, atualmente matriculado na Rede pública de ensino afirma, “Os responsáveis pela instituição “receberam muito bem meu M. foi tudo bem conversado”.

Com todos esses relatos apresentados e diante de experiências vivenciadas por cada família podemos verificar que as escolas na qual essas crianças estão matriculadas ainda estão começando a se conscientizar, mas ainda são visíveis os obstáculos e barreiras encontradas para matricular crianças com Autismo que constantemente observamos essa camuflagem na aceitação desses indivíduos. Tal camuflagem se refere ao que se chama de aceitação por obrigação (por conterem leis), e não por interesse em ajudar esses indivíduos a ter uma oportunidade para se desenvolver, aprender e socializar, independentemente da situação encontrada.

É preciso mudar a cultura da escola para que as leis sejam colocadas em práticas, diante da superficial inclusão. E que por trás da discussão de matricular ou não, podendo se esconder uma grande falta de conhecimento e também de interesse sobre o problema e pela dificuldade que essas instituições têm em receber o aluno com Autismo. Segundo Meirelles

(2013, pág. 15) “A inclusão não deve ser apenas um desafio do professor, mas sim de toda a escola e da rede de ensino”. Sabemos então, que é uma tarefa bem difícil e o problema é maior do que se imagina para lidar com a diversidade encontrada pelas instituições de ensino.

O conhecimento tem que ser atualizado constantemente, a escola tem que saber que não só o Brasil, mas o mundo está vivendo uma nova realidade, e que deve se preparar, e capacitar seus professores, gestores, todo o corpo da escola. Independentemente de leis que assegurem os pais e também as crianças com autismo, é preciso abrir espaço mesmo tendo conhecimento que não é fácil lidar com esses indivíduos. Podemos observar que, hoje em dia, o Autismo está sendo mais divulgado que nos anos anteriores, e que a conscientização ainda é um dos primeiros passos para que a sociedade aprenda sobre o que é o Transtorno do Espectro Autista. É fundamental pensar que as escolas devem estar preparadas já que se encontram insatisfações mediante obstáculos encontrados pelos pais, muitas das vezes já desmotivados com tamanhas dificuldades, e com mais conhecimento a respeito de leis que assegura o indivíduo com o Transtorno do Espectro Autista.

Diante das dificuldades os pais acabam indo procurar seus direitos e tendo que fazer denúncias contra a escola e isso acaba acarretando uma relação desagradável tanto para as famílias das crianças com TEA quanto para as escolas.

Dispõe sobre o apoio às pessoas portadoras de deficiência e sua integração social. Define como crime recusar, suspender, adiar, cancelar ou extinguir a matrícula de um estudante por causa de sua deficiência, em qualquer curso ou nível de ensino, seja ele público ou privado. A pena para o infrator pode variar de um a quatro anos de prisão, mais multa (Lei nº7853, de 24 de outubro de 1989).

De acordo com a lei (7.853), a escola não pode se fechar para atender a um público com necessidades especiais, independente de qual for à deficiência. Apenas, se interessar em adequar seus serviços prestados a um público que ainda é muito desrespeitado diante de uma sociedade individualista.

Na pergunta cinco questionamos sobre a preparação e adequação da atual escola que as crianças estudam 50% responderam a opção “pouco”, 25% “muito pouco” e 25% “bom”. Com essas informações podemos verificar que o nível de preparação e adequação está longe de se enquadrar as condições necessárias do indivíduo com autismo, como relata C.M 41 anos (mãe cinco): “Falta muita estrutura pedagógica e adaptação curricular e olhar para a pessoa com autismo como indivíduo único e observar suas particularidades”. No entanto, essa questão poderia ser evitada pelas próprias escolas se seus professores fossem capacitados e preparados para atender essas crianças, pois existem vários métodos de ensino, dentre eles do PEI (Plano Educacional Individualizado) que ajuda demasiadamente a ensinar de acordo com o nível de aprendizagem de cada um desses indivíduos. Outro relato de uma mãe que teve dificuldades com a escola, J.S.P.B. 37 anos (Mãe três): “hoje melhorou, pois, há cinco anos a escola não tinha praticamente nenhum preparo, porém está investindo na capacitação de alguns professores”, ainda é notório quando se fala em “alguns”. Nesse sentido, ainda não são todos os professores, mas é interessante observar que já existe a iniciativa por parte da escola em abrir o espaço para as preparações de seus profissionais.

Podemos comparar com uma das mães que relatou “bom”: “Eu achei bom, mesmo não havendo um preparo dos profissionais, eles souberam trabalhar com meu filho muito bem”, R.S. C. 24 anos (Mãe quatro); essa mãe matriculou seu filho numa escola pública, fica o questionamento: mesmo não havendo preparo dos envolvidos, como isso aconteceu? Mas, como foi relatado anteriormente, ainda há professores que se disponibilizam e também querem aprender. Provavelmente, esse professor tem o interesse em ajudar mesmo estando

despreparado, com certeza a dedicação desse professor fará a diferença na vida escolar dessa criança com Autismo e traz com essa dedicação uma boa relação entre escola e família.

A pergunta seis aborda sobre a necessidade de se trabalhar em parceria, escola e família trabalharem unidas. 75% marcaram a opção “sim”, e 25% “não”, verifica-se que existe uma barreira muito grande em se trabalhar em equipe, só com muita insistência e depois situações desagradáveis (discussões, brigas) que as coisas passam a funcionar. Um dos relatos afirma que “onde existem uma barreira e resistência por parte das escolas para que isso ocorra”. C.M. 41 anos (Mãe 5). Dessa forma, fica realmente muito difícil trabalhar em parceria quando a escola não tem determinação em se adequar às necessidades das crianças com TEA.

Quando não se é estudado maneiras de facilitar essa parceria, é necessário que todos trabalhem em equipe para que as coisas possam fluir adequadamente e preparar um ambiente saudável para conseguir alcançar o verdadeiro objetivo: o ensino e aprendizagem dessas crianças. Por isso, que o diálogo é muito importante para se chegar a um objetivo.

A pergunta número sete revela que todas as mães responderam “sim”. Fica claro que sem o diálogo não se chega a lugar nenhum, e que as escolas têm de se mostrar mais presentes e abrir as portas para conversa, visto que é o melhor caminho para se trabalhar em equipe e para se conseguir o desenvolvimento das crianças com Autismo.

A pergunta oito questiona sobre as leis que asseguram essas crianças com autismo, e mesmo com esses direitos é possível escutar relatos de pais que ainda lutam por eles, e principalmente o de matricular seu filho. Diante dessa situação foi observado que todas as mães que responderam ao questionário marcando todas as opções disponíveis como: a falta de estrutura da escola, professores despreparados, resistência por parte da escola em receber a criança com TEA, preconceito, a ignorância pelo desconhecimento sobre o autismo; essas são as principais reclamações relatadas pelas mães, e principalmente que as escolas particulares só visam ganhar o dinheiro e não faz nenhum tipo de melhoria para atender a esse público.

Mesmo diante de leis que asseguram o direito ao ensino dessas crianças ainda é possível encontrar escolas que possuam a resistência de negar a ficar com a criança com autismo, negar o auxílio de uma AT (Atendente Terapêutico) que servirá de suporte para ajudar no desenvolvimento dessas crianças e que são pagas, na maioria das vezes, pelos pais das crianças. Diante das leis que asseguram o Autista, a escola é quem deve disponibilizar um AT, mesmo quando esses pais não possuem recursos seja escola particular ou pública. Para muitos dos professores um atendente terapêutico dentro de sala de aula é visto como um intruso, ou seja, um olheiro das suas atividades, essa repulsa a presença do AT gera constantes atritos em sala desencadeando uma falha no relacionamento entre escola e família. “Parágrafo único. Em casos de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista incluída nas classes comuns de ensino regular, nos termos do inciso IV do art. 2º, terá direito a acompanhante especializado” (LEI nº12.764, de 27 de dezembro de 2012).

Portanto, a lei é bem clara quando se fala em ter o direito a um atendimento especializado com um atendente terapêutico (AT). Mas na prática não funciona muito bem. As escolas não querem contratar pedagogos extras e na maioria das vezes não aceitam que os próprios familiares paguem um profissional para acompanhar seus filhos. Então toda essa situação acaba num desentendimento frustrante na relação das partes. Além disso, o preconceito ainda é um dos maiores fatores que causam barreiras e dificuldades, pois as crianças típicas constantemente fazem bullying com o indivíduo com Autismo.

Geralmente, é perceptível a desinformação acerca do autismo entre os profissionais da educação não demonstrando ao alunado a importância de aprender a respeito desmistificando estereótipos, e trabalhando projetos que envolva o Transtorno do Autismo e como se sobressair em situações com esses indivíduos. Podemos fazer com que esses comportamentos

impróprios sejam extintos fazendo com que seja possível conscientizar a comunidade escolar desde a educação infantil até o ensino médio, por meios de histórias, brincadeiras, oficinas e palestras que abordem o assunto sobre o que é o autismo? Como podemos ajudar, a lidar diante uma pessoa com Autismo? E várias outras sugestões e sequências que abordem o Autismo e que possibilitem mais aprendizagem trazendo a realidade do dia a dia dessas crianças os conhecimentos adequados sobre o Transtorno do Espectro Autista. Tal iniciativa permite que possamos entender que o Autismo não é uma doença, e sim um transtorno de desenvolvimento.

Entretanto, mostrar para os alunos que Autistas podem aprender com ajuda de todos os envolvidos desde os alunos a todos os profissionais da escola sejam dos funcionários dos serviços gerais e/ou os gestores. Os professores necessitam se adequar aos seus alunos por que eles são modelos para eles mesmos. O professor leva questões de aprendizado sendo referência para o indivíduo seja ele típico ou atípico.

A educação é um direito de todos, e principalmente a educação inclusiva como aborda a pergunta nove, que na prática está bem distante da realidade como relata C.M. 41 anos (Mãe cinco) “Vamos dizer que com muita cobrança por parte dos pais as escolas fazem o mínimo”, já R.S.C 24 anos (Mãe quatro) afirma que “Em alguns casos se tornam bem difícil”. Sabe-se que educação inclusiva é um direito social e fundamental e tem que ser garantido.

A concepção de educação inclusiva, com base nos princípios do direito de todos à educação e valorização da diversidade humana fundamenta a política de educação especial que orienta os sistemas de ensino para garantir o acesso de todos às escolas comuns da sua comunidade e o atendimento às necessidades educacionais especiais dos alunos. Considerando a heterogeneidade presente na sociedade, as escolas devem acolher todas as crianças, independentemente das suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas e outras. Nessa perspectiva, o desafio da educação é assegurar um ensino de qualidade que beneficie os alunos com deficiência e com altas habilidades/superdotação, com a organização de escolas que promovam a participação e a aprendizagem de todos.

A educação especial assim contextualizada se constitui numa modalidade transversal que perpassa todos os níveis, etapas e modalidades de ensino, definida por uma proposta pedagógica que assegure recursos e serviços de atendimento educacionais especializados organizados institucionalmente para apoiar a educação nas classes comuns, de modo a garantir a escolarização e promover o desenvolvimento da potencialidade dos alunos com necessidades educacionais especiais (Direito à Educação, 2a Edição Brasília-DF MEC/SEESP 2006 p. 09).

Para se fazer valer a inclusão é muito importante também garantir a aprendizagem de todas essas crianças na escola regular. E é necessário ter o preparo dos professores e criar uma boa ligação entre os alunos com TEA entre docentes, gestores, escola e família.

Portanto, o intuito de se ter uma escola inclusiva é fazer a transformação da escola em um lugar para todos favorecendo a diversidade e mostrando que todos os alunos podem ter algum tipo de necessidade especial no decorrer da trajetória de vida escolar, mas que respeitar os direitos ainda é o primeiro passo para a cidadania e também o incentivo é a partir desse contexto e da realidade social que se pode ampliar a visão de um mundo e conscientizar e também desenvolver a oportunidade de conviver com essas crianças com autismo. O plano nacional de educação segundo, esse documento estabelece:

Nova função da educação especial como modalidade de ensino que prepara todos os segmentos da escolarização da educação infantil do ensino superior realiza o atendimento educacional especializado disponibiliza os serviços e recursos próprios do AEE e orienta os alunos e professores quanto à sua utilização (PNE 2011/2020).

É constante ver as escolas não disponibilizando desses recursos fica e por isso torna-se inviável fazer o acompanhamento sem a sala de AEE. Como existem escolas que disponibilizam de brinquedoteca, depois colocam a sala à disposição para aulas de inglês, deixando a desejar e também impedindo o acesso de crianças com TEA de utilizarem a sala de recursos.

A pergunta dez aborda a importância da família como base para o desenvolvimento e aprendizagem da criança com autismo, com isso mostra a existência da superproteção vinda de determinados pais que muitas das vezes acabam prejudicando e dificultando as experiências das crianças que contribuirão para a sua autonomia. Nesse sentido, 100% das mães que responderam ao questionário são pais presentes, pois demonstram conhecimento sobre o Transtorno do Espectro Autista, e dá o devido suporte que eles necessitam para desenvolver o aprendizado ligado ao acompanhamento de terapias adequadas para o desenvolvimento fora e dentro do contexto escolar. Fazendo uma ligação com a pergunta onze no que diz respeito à relação da família como a base para a educação básica meio cultural a estruturação e preparação mostrando e ensinando educação básica, ou seja, preparando a criança com terra para vida. Contudo, mostra que a escola vem por meio apenas complementar oferecendo conteúdos e formação educacional.

Muitos pais ainda confundem o papel da escola, alguns deles confundem que essa educação seja dada pelos professores que precisam dar o conteúdo e não a educação de valores. Portanto, a educação de valores é vinda do meio cultural na qual a criança convive de maneira rotineira. Desse modo, elas vão sendo educadas de acordo com as regras vindas de suas casas. Foi verificado que essa educação está vindo menos trabalhada de casa. São bem notáveis que essas crianças sejam elas típicas ou atípicas estão vindo cheias de hábitos que os pais precisam educar.

O tipo de educação é outro fator ligado à família que afeta a aprendizagem. Da educação familiar adequada é feita com amor, paciência, e coerência, pois desenvolve nos filhos autoconfiança e espontaneidade que favorece a disposição para aprender. Entretanto, é frequente encontrar adultos que “ensinam” as crianças exatamente o contrário do que fazem, isto é, são incoerentes: ensina uma coisa e fazem outra. Em geral, as crianças aprendem o que os adultos fazem e não o que querem ensinar (Piletti 2009, p. 152).

Quando nos deparamos com a realidade chega a dar medo, mas os pais pensam que seus filhos estão sendo bem cuidados, querem ser orientados, informados sobre o ensino e aprendizagem dessas crianças. Entretanto, esses pais querem uma visão mais larga e também mais organizada da realidade de conviver com tantas dificuldades. Sabemos que é necessário um maior esforço e dedicação coletiva para que haja transformação e esperança de cada criança e adolescente que tenham o diagnóstico de Autismo chegue à escola e superem as desigualdades e também os obstáculos enfrentados entre escola e família.

Então, tivemos como resultado: 75% das mães marcaram a opção “sim” e 25% “não”. Relacionando com a pergunta doze sobre a realidade da existência de pais que tentam deixar a responsabilidade de educar para a escola. Uma realidade constante e que muitas das vezes acaba criando uma barreira na relação entre escola e família. Segundo PILETTI 2009, “Apesar de todos os problemas, o aluno quer aprender [...]”, (P. 151). Essas crianças e adolescentes com TEA, hoje são o centro das atenções. É preciso entender como eles se desenvolvem para buscar estratégias que tragam motivação, interesse e melhorias promovendo aprendizagem para esses indivíduos.

Por fim, a pergunta treze questiona se os pais realmente são mediadores e articuladores de seus filhos nas atividades de casa, fazendo com que eles deem continuidade aos trabalhos da escola. Verificamos que 100% das mães marcaram opção “sim”, uma delas relatou que

“sim”, mas que nem todas às vezes ela não teria tempo de acompanhar as atividades que são vindas da escola. Muitas das vezes isso acontece devido ao seu tempo de trabalho fora que acaba trazendo essa dificuldade em executar as atividades da escola. Já as demais relatam que dão continuidade a esses trabalhos em casa como relata, C.M. 41 anos, (Mãe cinco) “E, além disso, faço as adaptações dos livros que vai para a escola e dou suporte nas atividades”. Essa mãe além de dar continuidade faz as adaptações da maioria dos materiais tanto de sala de aula como os de casa e são feitos em livros e cadernos das suas duas filhas autistas, uma de 5 anos (infantil V) e a outra de 8 anos (3º ano fundamental). Portanto, essas adaptações são boas para serem feitas pelas próprias professoras que estão no momento desqualificadas em fazer essas adaptações, ou seja, sem preparação alguma para adaptar atividades para criança com autismo. “A escola, ao invés de adaptar-se aos alunos, faz de tudo para que os alunos se adaptem a ela” (PILETTI, 2009, pág.146) é uma realidade dessas mães que lutam diariamente em favor de seus direitos que constantemente desejam melhorias na escola e só conseguem promessas que dizem cumpri-las e coloca-las em práticas.

Mas essa situação ainda está muito distante da realidade, e também da verdadeira relação entre escola e família. Se às escolas soubessem que são pontos essenciais e que precisam ser preparadas para realização na difícil tarefa de contextualizar e desempenhar seu trabalho e seu papel na vida desses alunos e da família com Autismo.

Percebemos que o professor é o ponto central para o ensino/aprendizagem e desenvolvimento de habilidades dessas crianças, como também para garantir que esses alunos tenham um sucesso na sua trajetória escolar e tendo a noção que o fracasso na aprendizagem em grande parte também é de responsabilidade dele. A importância de ser um professor preparado, dentre outros aspectos e aprendendo a contornar as diferenças e conhecer os níveis de desigualdade que caracterizam seus alunos. A escola pode ter atitude em expor as dificuldades enfrentadas e assim buscar ideias, métodos de ensino e aprendizagem, discussões com outros profissionais e através do diálogo com os familiares encontrar alternativas de aperfeiçoamento de maneira correta. Para alcançar esse objetivo, é necessário um professor que procure estar atento às necessidades de seus alunos, que tenham manejo, diversificando as estratégias de ensino, lutando contra a exclusão e conhecendo a importância que a escola tem na vida desses indivíduos.

É possível afirmar que a vida de um docente também é desmotivador, devido às dificuldades que a docência traz um modo desafiador, e principalmente lutar por melhores salários, pela valorização da sua profissão, por condições de trabalho que sejam permitidas práticas pedagógicas que trazem o sucesso de seus alunos. A importância de se ter uma educação inclusiva conscientizada por uma intervenção pedagógica intencional (com propósito) da escola e também de seus professores diante a sociedade que só consegue fazer melhorias quando possui um caso perto ou dentro da família. Portanto é uma carga muito pesada tanto para os pais, como para professores que não tem preparação para lidar com essas crianças com autismo. É por isso que o autismo tem que ser compartilhado com pessoas que se interessam, ajudam e se preparam para um futuro com melhorias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto concluímos que a relação de pais de crianças com autismo estabelecida com a escola ainda existem tensões boa parte das escolas ainda se encontra despreparadas para atender as crianças com autismo. Pudemos constatar que diante dessa pesquisa a maioria dos pais se sentem inseguros em inserir seus filhos na escola, frente aos diversos obstáculos que se colocam no momento desse contato, como: o desqualificação e

despreparo de algumas instituições, falta de interesse em adquirir conhecimento o autismo. Atualmente, o autismo está sendo bastante abordado devido ao número de crescimento desse transtorno. Portanto, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) devido às dificuldades encontradas tanto no comportamento tanto no desenvolvimento. Desse modo, o autismo é um diagnóstico observacional de vários comportamentos, ou seja, um conjunto de comportamentos que são reconhecidos, e que as crianças podem conter diferentes níveis de comprometimento.

Para poder ajudar essas crianças a progredirem e também a aprenderem precisamos nos dedicar a ensinar esses indivíduos no processo de aprendizagem, pois são muitos os desafios específicos que eles apresentam, e principalmente na relação entre escola e família na qual a escola e a família são constituintes de dois contextos, portanto são responsáveis pelo processo de educação desses indivíduos. “Em alguns casos, verifica-se que a família e a escola orientam a criança em sentidos diferentes, (...). Haverá, então, conflitos, e a criança poderá ser prejudicada em seu trabalho escolar” (PILETTI, 2009, p. 24),

Na relação escola e família pudemos verificar que ainda existem muitas barreiras que tornam essas relações difíceis. Para fazer valer a inclusão é importante garantir a aprendizagem de todas essas crianças na escola regular. Como também é necessário ter o preparo dos professores e criar uma boa ligação entre os alunos com TEA entre docentes, gestores, escola e família. Portanto, o intuito de se ter uma escola regular é fazer a transformação da escola em um lugar para todos favorecendo a diversidade e mostrando que todos os alunos podem ter algum tipo de necessidade especial no decorrer da trajetória de vida escolar, portanto, respeitar os direitos ainda é o primeiro passo para a cidadania e também o incentivo é a partir desse contexto e da realidade social que se pode ampliar a visão de um mundo e conscientizar e também desenvolver a oportunidade de conviver com essas crianças com autismo.

É preciso mudar a cultura da escola para que as leis sejam colocadas em práticas, diante a dissimulada inclusão. E que por trás da discussão de matricular ou não, podendo se esconder uma grande falta de conhecimento e também de interesse sobre o problema e pela dificuldade que essas instituições têm em receber o aluno com Autismo. Com todos esses relatos apresentados e diante de experiências vivenciadas por cada família podemos verificar que, nas escolas na qual essas crianças estão matriculadas ainda estão começando a se conscientizar, mas ainda é visível os obstáculos e barreiras encontradas para matricular crianças com Autismo que constantemente observamos essa camuflagem na aceitação desses indivíduos. Essa camuflagem se dá ao que se chama de aceitação por obrigação (por conterem leis) e não por interesse em ajudar esses indivíduos em ter uma oportunidade para se desenvolver, aprender e socializar independentemente da situação encontrada.

Sabemos que é essencial um maior esforço e dedicação coletiva para que haja transformação e esperança de cada criança e adolescente que tenham o diagnóstico de Autismo que chega à escola, superando as desigualdades e também os obstáculos enfrentados entre escola e família. Portanto, o professor ainda é a base do sucesso e principalmente tendo a iniciativa de inclusão devido ao seu papel dentro da escola que é de ensinar a aprender.

Quando analisamos todos esses pontos, chegamos à conclusão de que a escola e a família podem se engajar no processo inclusivo trazendo condições que auxiliarão no ensino e aprendizagem de maneira marcante e eficaz. As pessoas envolvidas no processo de aprendizagem de alunos autistas não podem deixar que as barreiras se tornem obstáculos impedindo acesso o da família à escola e vice versa. Com isso, a escola pode ter atitude em expor as dificuldades enfrentadas e assim buscar ideias, métodos de ensino e aprendizagem, discussões com outros profissionais e através do diálogo com os familiares encontrar alternativas de aperfeiçoamento de maneira correta. E para se alcançar esse objetivo é

necessário se ter um bom professor que procura estar bem atento às necessidades de seus alunos terem manejo, diversificando estratégias de ensino, luta contra a exclusão conhecendo a importância que a escola tem na vida desses indivíduos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDES, Leana Vilmar; SIMONASSI, Lorismario Ernesto. **Programa de leitura para pessoas com diagnóstico de autismo**, 1a ed., Instituto Walden, Brasília, 2016.

BRITO, Maria Cláudia. **Estratégias práticas de intervenção nos transtornos do espectro do autismo**. E-book Saber Autismo, 2017.

BLATTER, Ricardo Lovatto. **Direito à educação: Subsídios para a gestão dos sistemas educacionais :orientações gerais e marcos legais / Organização: Ricardo Lovatto Blattes. – 2.ed.–Brasília:MEC, SEESP, 2006. 343 p.**

DROUET, Ruth Caribé da Rocha, **Distúrbios da aprendizagem**. 4.ed.- São Paulo: Ática, 2006.

MEIRELLES, Elisa. **Lei estabelece que autistas tenham os mesmos direitos de pessoas com outras deficiências**; Revista nova escola; 01 de Janeiro de 2013.

MELLO, Guiomar Namó de. **Ofício do Professor 1 Aprender mais para ensinar melhor, Desenvolvimento e aprendizagem**. Editora Abril, 1º Edição, São Paulo, 2002.

_____. **Ofício do Professor 2 Aprender Mais para Ensinar Melhor, Professor, Criança e Escola**; Editora Abril, 2º Edição, São Paulo, 2002.

ORRÚ, Silvia Ester. **Aprendizes com Autismo: Aprendizagem por eixos de interesses em espaços não excludentes**; Editora Vozes, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jantahy. **História & História Cultural**. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PILETTI, Nelson; **Psicologia da Educação**; 17º edição: Editora Ática, São Paulo, 2009.

SKINNER, E. F. **A possibilidade de uma ciência do comportamento humano**. Harvard Educational Review, outono de 1948, p. 212.

TAKEDA, Tatiana. **Autismo, escola, família**; LUDOVICA; 2018.

TORONTO, Ontário; **Ajude-nos a aprender, Manual de treinamento em ABA**. 2º Edição, Canadá, 2004.

REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS

LBP: Lei Berenice Piana. LeiN° 12. 764 de 27/12/2012.

Plano Nacional de Educação, PNE, 2011/2020.

REFERÊNCIAS DIGITAIS

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7853.htm (**Visitado em 21/04/2019**).

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2012/lei-12764-27-dezembro-2012-774838-publicacaooriginal-138466-pl.html> (**Visitado em 21/04/2019**).

<https://apaebrasil.org.br/noticia/conheca-a-lei-berenice-piana-destinada-as-pessoas-com-espectro-autista> (**Visitado em 20/04/2019**).

Raízes, Portal. AGROTOXICOS: “Ate 2025 uma em cada duas crianças será autista” afirma cientista, 2019 (**Visitado em 23/04/2019**).

AGRADECIMENTOS

Ao Senhor Jesus Cristo por ser minha rocha inabalável, sem o qual não estaria aqui. À Universidade Estadual da Paraíba, instituição que devo toda a minha formação acadêmica e a experiência construída ao longo destes cinco anos. Por tudo isso, devo muito do que sou, como profissional e como pessoa, a esta universidade, que merece meu reconhecimento e gratidão aqui explícitos.

Foram muitas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram com este trabalho. Entre elas, gostaria de registrar meus agradecimentos: à professora Wanderléia, pela atenção e apoio como orientadora; aos examinadores, por terem aceitado o convite para participarem da Banca Examinadora e pelas contribuições que, com certeza, serão úteis para a continuidade do estudo sobre a temática trabalhada.

A todos os professores, colegas e amigos, que fizeram parte desde o início desta caminhada acadêmica, que foram momentos especiais, cujo valor precede à minha chegada e agora minha saída. Às minhas colegas mais próximas, Kelly, Celâny e Jacira, pessoas compreensíveis.

Enfim, o meu agradecimento especial: a minha irmã MÁRCIA pelo apoio. A SEVERINA, minha querida mãe, por sempre me incentivar aos estudos. Ao meu querido esposo FRANCISCO BERNARDO (Gugu) pela compreensão, sugestões e parceria neste trabalho e agradeço também pela cumplicidade e dedicação, durante esses anos, aos nossos filhos, que me possibilitou mais tempo para as atividades da graduação. Aos queridos filhos THALLES e GABRIELLE, pelo constante carinho e entendimento. As minhas tias SALETE e SOCORRO que com jeitinho persistente me impulsionava aos estudos.

A todos de coração, agradeço.